



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**O SABER AMBIENTAL DE TODOS NÓS:
UMA VISÃO ROMÂNTICA E NATURALISTA IMPEDE-NOS DE REFORMAR
NOSSO PENSAMENTO SOBRE A RELAÇÃO SER HUMANO-NATUREZA**

Andréia Telles¹

Marina Patrício de Arruda²

RESUMO

A problemática ambiental caracterizada pela ruptura ser humano/natureza é um dos fundamentos da crise de civilização na modernidade. A falta de estudos e discussões com a comunidade sobre a estreita relação entre educação e ambiente, faz com que a população permaneça ausente à problemática dos prejuízos ambientais ocasionados pelo descuido no trato com o ambiente. Este é o ponto de partida para a construção de um conhecimento que se pretende ser útil a intervenções sociais e processos de mudança. O ambiente não pode ser visto apenas um meio que abriga populações biológicas, trata-se de uma categoria sociológica relativa a uma racionalidade social incorporada por comportamentos, modos de vida e produção das populações. O saber ambiental leva a marca da língua e da história; um saber prático que somado a representações míticas, significações, traços culturais e aprendizagens cotidianas levam o homem a cuidar ou não de seu meio ambiente. No sentido de ampliar esta discussão, este estudo teve por objetivo investigar o saber ambiental dos Moradores da Vila Comboni e as possibilidades de desenvolvimento de uma consciência ecológica para o cuidado do ambiente. Este bairro encontra-se inserido na bacia do rio Canoas, denominada nanobacia EELages e na borda do Aquífero Guarani, possui várias nascentes sendo considerado uma Área de Preservação Permanente (APP). Entende-se necessário um processo contínuo de educação socioambiental que incentive o diálogo e a

¹Andréia Telles - tellesandrea@gmail.com. Atua como docente na Faculdades Integradas FACVEST - SC. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Saúde e Qualidade de Vida (GEPESVIDA) - UNIPLAC, com linhas de pesquisa em Educação em saúde, educação em Desenvolvimento territorial, ocupação humana e biodiversidade, processos socioculturais e sustentabilidade. URL: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalheest.jsp?est=4409389671333101>

²Marina Patrício de Arruda – marinh@uniplac.net. É professora titular da Universidade do Planalto Catarinense integrando os Programa Stricto Sensu Mestrado em Educação (PPGE) e Saúde e Ambiente (PPGSA) . Tem experiência na docência em mestrado, especialização e graduação. Atua na interface das áreas de Saúde e Educação discutindo temas como mediação, auto-organização, educação socioambiental, processos socioculturais, cidadania, participação popular, educação permanente e continuada, teorias contemporâneas. Busca integrar o ensino, a pesquisa e a extensão como atividades indissociáveis à prática acadêmica. Líder do GEPESVIDA; Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Saúde e Qualidade de Vida. URL: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhepesq.jsp?pesq=2541466637301181>

reflexão, para incorporar um novo saber ambiental voltado à cidadania, o embrião dessa nova consciência ecológica.

Palavras-chave: Saber ambiental. Consciência ecológica. Percepção ambiental. Visão romântica e naturalista.

ABSTRACT

An environmental problem characterized by the rupture of human being and nature is one of the bases of modernity civilization crisis. The lack of studies and discussions with the community about the narrow relationship between education and atmosphere makes the population stays absentee to the problem of the environmental damages caused by negligence in treatment with atmosphere. This is the starting point for the construction of a knowledge that intended to be useful to social interventions and change processes. The atmosphere cannot just be seen a middle that shelters biological populations, it is treated from a relative sociological category to an incorporate social rationality for behaviors, life manners and populations production. The environmental knowledge takes the mark of the language and the history; a practical knowledge that added to mythical representations, significances, cultural lines and daily learning drives the man to take care or not its environment. In the sense of enlarging this discussion, the main objective of this study is to investigate the environmental knowledge of Vila Comboni's Residents and the possibilities of developing an ecological conscience to take care of the atmosphere. This neighborhood is inserted in the Canoas River Basin, so called mono lakes EELages, and the Guarani Aquifer chore, it possesses several water fountains considered a Permanent Preservation Area (APP). It understands that is necessary a continuous process of social environmental education to motivate the dialogue and the thought to incorporate a new environmental knowledge focus on citizenship, the embryo of the new ecological conscience.

Key-words: Environmental knowledge. Ecological conscience. Environmental perception. Romantic and naturalistic vision.

Introdução

A falta de estudos e discussões com a comunidade sobre a estreita relação entre educação e ambiente, faz com que a população permaneça ausente à problemática dos prejuízos ambientais ocasionados pelo descuido no trato com o ambiente. Este é o ponto de partida para a construção de um conhecimento que se pretende ser útil a intervenções sociais e processos de mudança.

O saber ambiental como aquele que inclui valores éticos, conhecimentos práticos e saberes tradicionais que, pelas pontuações de Leff (2008), mostram um processo em construção que se dá por meio de movimentos sociais e de práticas tradicionais de manejo dos recursos naturais. Esse saber se firma a partir da *reforma do pensamento* (MORIN, 2000) permitindo-nos mudar a lógica de pensar a relação ser humano-natureza, para refletir sobre o ser humano “como” natureza, capaz de conviver de forma harmônica e respeitosa com ela e consigo mesmo.

A problemática ambiental caracterizada pela ruptura ser humano-natureza, é um dos fundamentos da crise de civilização na modernidade. Esta separação resultou de um longo processo de distanciamento por meio do qual o homem passou a reconhecer-se por atributos que o distinguiam daqueles que não eram homens ou animais, vegetais e objetos inanimados. Morin (1997, p. 14) amplia esta discussão afirmando que ainda hoje, os “conceitos de que nos servimos para conceber a nossa sociedade – toda a sociedade – estão mutilados e conduzem a

ações inevitavelmente mutiladoras”. Aqui se destaca a questão da sustentabilidade³ como fundamento para o bem estar da humanidade devendo ser centrada, num complexo sistema holístico, onde as forças produtivas estejam em harmonia com o meio ambiente, coexistindo de forma compatível e interdependente para alcançar um desenvolvimento econômico social com um meio ambiente saudável.

Os desequilíbrios ambientais causados pela falta de cuidado com o meio ambiente passaram a afetar direta e indiretamente uma grande parcela de seres humanos, visto que são parte do meio ambiente e dele não pode se dissociar. Hoje os impactos gerados por esta dissociação são também de ordem social, cabendo a sociedade uma mudança de comportamento e atitude em relação ao fato do homem não poder “ser conceituado sem o seu meio ambiente. Assim colocado, a relação Homem-Meio Ambiente é íntima, contínua e afetiva, sendo por conseguinte uma interação necessária e universal” (OLIVEIRA, 2002, p. 26).

Mas o que significa um saber ambiental? Segundo Leff (2008) é aquele que possibilita a construção de novas identidades e interesses que irão fundamentar uma racionalidade ambiental. Não seria apenas nossa relação objetiva com o mundo, mas inclui outros sentidos e valores civilizatórios. Em sendo a qualidade de vida a finalidade última de realização do ser humano, o saber prático, os valores e os sentidos da existência acabam por definir as necessidades vitais, as preferências culturais e a qualidade de vida do povo.

É através do saber ambiental que se inscrevem e se expressam processos ecológicos e culturais, econômicos e tecnológicos. É este saber que gera sentidos e mobiliza os atores sociais a se posicionarem diante do mundo. O saber ambiental leva a marca da língua e da história; um saber prático que, somado a representações míticas, significações, traços culturais e aprendizagens cotidianas levam o homem a cuidar ou não de seu meio ambiente e de seu destino comum.

Por certo, características históricas, culturais e sociais trazem implicações para as concepções do ser humano, natureza, modos de produção e desenvolvimento. Neste sentido, a região serrana que seguiu fortemente o modelo de produção e desenvolvimento baseado na exploração dos recursos naturais pode ter deixado um legado cultural edificado numa “razão tecnológica e de racionalidade econômica”, bem diferente da racionalidade ambiental cuja ética “reivindica os valores do humanismo” (LEFF, 2008, p. 87).

³ Diz-se que uma sociedade ou um processo de desenvolvimento possui sustentabilidade quando por ele se consegue a satisfação das necessidades, sem comprometer o capital natural e sem lesar o direito das gerações futuras de serem atendidas também as suas necessidades e de poderem herdar um planeta sadio com seus ecossistemas preservados Leonardo Boff (1999, p. 198).

Mas como ouvir a história ambiental da Serra Catarinense se esta é uma “história de histórias não ditas”? É provável que aqui como em outros lugares a dominação da natureza tenha sido feita de modo “silencioso, invisível e impensável pelos paradigmas civilizatórios que justificavam a exploração da natureza em nome do progresso e do poder” conforme destaca Leff (2008, p. 398). Neste sentido, o estudo que apresentamos se justificou por buscar conhecer o saber ambiental dos moradores que frequentaram o projeto Parceiros Ambientais desenvolvido na Vila Comboni, bairro próximo ao centro da cidade de Lages SC.

Localizada em uma área da Epagri/Estação Experimental de Lages SC, a Vila Comboni encontra-se inserida na bacia do rio Canoas, denominada nanobacia EELages, e na borda do Aquífero Guarani, possui várias nascentes sendo considerada uma Área de Preservação Permanente (APP). Essa particularidade fez com que alguns professores da pós-graduação da Universidade de Planalto Catarinense (UNIPLAC) se juntassem em torno de um projeto de educação socioambiental para problematizar e refletir o saber ambiental de uma comunidade, fato que possibilitou esse estudo de caso. O significado que o ser humano atribui à natureza é o resultado de um processo de construção social decorrente de um conjunto de possibilidades históricas provenientes de discursos variados e em perene transformação. Sendo assim, foi de fundamental importância conhecer a percepção ambiental dos moradores que participaram do Projeto Parceiros Ambientais da Vila Comboni, para compreender melhor as inter-relações entre homem e meio ambiente, suas características, seus anseios, suas expectativas e práticas ambientais.

Para entender como a comunidade percebe o meio ambiente em que vive, foi preciso conhecer suas histórias, suas origens, sua cultura, seus modos de vida. Desse modo, se tornou indispensável promover um diálogo com a comunidade, não para propor condutas a serem seguidas, mas para propor processos práticos e reflexivos que levassem a formação de valores voltados a sustentabilidade, a justiça social e a preservação da vida humana no planeta tendo por base a construção de um pensamento crítico e criativo sustentado por novas capacidades cognitivas.

METODOLOGIA DO ESTUDO

De caráter qualitativo, esta pesquisa buscou investigar o saber ambiental de uma pequena comunidade partindo do pressuposto que Edgard Morin (2007) nos apresenta sobre a ideia de holograma, no qual cada parte está presente em nosso todo e o todo nas partes. Como parte de todo carregamos valores, cultura e pensares articulados ao local onde vivemos. É

dessa forma que um estudo de caso realizado com um pequeno grupo nos permite construir conhecimento acerca da percepção ambiental de uma comunidade.

Com o intuito de problematizar a questão do cuidado com o meio ambiente ressaltando a localização do bairro inserido sobre uma bacia hidrográfica, área de afloramento do Aquífero Guarani, foi instituído o Projeto Parceiros Ambientais Vila Comboni⁴, o qual merece referência nesta metodologia considerando o acompanhamento sistemático, por parte das pesquisadoras, das ações educativas realizadas em encontros quinzenais no decorrer do ano de 2010 com os moradores do local. Estas ações incluíram dinâmicas de sensibilização para a preservação do meio ambiente, palestras realizadas por vários parceiros de instituições lageanas públicas e privadas, oficinas, festas e comemorações de datas significativas para a comunidade, e várias outras atividades realizadas no salão da associação de bairro localizado ao lado da igreja São Marcos, paróquia do bairro. Os registros destas observações foram importantes para a composição deste estudo.

A definição da amostra na abordagem qualitativa baseou-se na necessidade de aprofundar e de compreender um grupo social, uma organização, uma instituição ou uma representação. Seu critério, portanto, não foi numérico. Esta amostragem foi obtida por acessibilidade ou por conveniência. Gil (1999, p. 104) salienta que esse tipo de amostragem é muito aplicado em estudos exploratórios ou qualitativos, dos quais não se requer elevado nível de precisão. Nesse tipo de amostragem, o pesquisador seleciona os participantes aos quais tem acesso. No caso especial desta pesquisa, fizeram parte os moradores, frequentadores assíduos do projeto Parceiros Ambientais e que se depuseram a participar. Levando em consideração que no decorrer do referido ano, aproximadamente 20 moradores tiveram uma participação efetiva nas reuniões do projeto, pelo critério de assiduidade foram selecionados 8 moradores para as entrevistas. Após a coleta de dados seguiu-se um processo de interpretação a análise dos dados a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin (1979). A necessidade de metodologias e procedimentos adequados ao diálogo entre as diversas áreas do conhecimento é uma das dificuldades encontradas para a análise da percepção ambiental. Desta feita, para analisar a percepção ambiental e com o intuito de provocar reflexão e crítica sobre as práticas existentes e de inspirar novas atitudes voltadas ao “cuidado”, o estudo se valeu de uma entrevista semi-estruturada e da utilização de fotografias que instigavam estas reflexões.

COMPREENDENDO SIGNIFICADOS

⁴ Projeto de extensão referido ao longo do trabalho, coordenado e integrado pelas pesquisadoras.

O saber ambiental, na visão de Leff (2008), significa os valores éticos, dos conhecimentos práticos e tradicionais. O saber ambiental é sempre concebido como um processo em construção e movimento, e inclui uma outra perspectiva paradigmática, a de complexidade.

A expressão “saber ambiental”, nesta perspectiva, é uma forma de designar um saber decorrente de um processo de Educação Ambiental. Junto aos moradores da Vila Comboni, este processo se desenvolveu buscando conhecer e refletir a reformulação de hábitos e valores da vida cotidiana tendo em vista suas responsabilidades para com o meio onde vivem e as possibilidades de construção de novos hábitos.

O primeiro passo metodológico para a coleta de dados se deu por meio de uma entrevista semi-estruturada e da utilização de fotografias que instigavam reflexões sobre valores, hábitos e novas práticas. Diante delas os moradores foram convidados a refletir sobre ações de cuidado e ou de descuido para com o bairro ao mesmo tempo em que a pesquisadora problematizava as questões:

Qual o papel da população? Qual a possível solução? Por onde começar? De quem era a responsabilidade sobre o bairro?

Em resposta a estes questionamentos, a comunidade se manifestou indicando que a mudança deveria ser iniciada com ações da própria comunidade. Questionados sobre a responsabilidade pelo cuidado do meio ambiente e do bairro onde moravam, a maioria dos entrevistados se posicionou como responsável e apenas dois deles (B e C) destacaram a importância da distribuição de informações para a conscientização dos vizinhos, como se eles próprios estivessem fora do processo.

Aqui é preciso destacar a importância de práticas educativas não prescritivas, mas como propostas pedagógicas voltadas à mudança de hábitos e práticas sociais. Como nos diz Morin (2000), é preciso desenvolver uma nova epistemologia para provocar “uma reforma do pensamento” ou ainda no sentido de Leff (2008), buscar uma nova racionalidade ambiental para subverter a ordem que acaba por definir o destino das sociedades. Desta forma, o conceito de ambiente deixa de ser uma categoria puramente biológica, para constituir “uma racionalidade social, configurada por comportamentos, valores e saberes, como também por novos potenciais produtivos” (LEFF, 2008, p. 224).

Trata-se de uma mudança paradigmática na forma de perceber o mundo sem atribuir responsabilidades aos outros, mas a si próprio, configurando assim novas possibilidades de ação (MORIN, 1997, 2001; CAPRA, 2006; LEFF, 2003). Essa ideia vai se configurando a partir do relato do entrevistado “A”: “A partir de nossas atitudes, vamos dando o exemplo

para outras pessoas. Devemos socializar experiências”. E deixando claro o posicionamento do morador “F” de que “precisamos ter consciência de que os recursos naturais não são inesgotáveis”. Observa-se de um saber ambiental em construção, aquele que reconhece a responsabilidade e os limites do agir humano sobre a natureza.

No segundo passo metodológico, para dar mais foco aos pensamentos e sentimentos sobre a realidade percebida pelos moradores do bairro, a pesquisadora apresentou individualmente aos entrevistados algumas fotografias de modo a permitir que os mesmos associassem o comportamento e à ação humana no meio ambiente. Desta feita, esse trabalho considerou que a fotografia ao “apontar reflexões parciais, ajuda a perguntar e ser provocadora de alguns questionamentos” (ALVES e SILVEIRA, 2008, p. 144).

Nesse procedimento, a pesquisadora apresentou a cada entrevistado, dez imagens fotográficas enumeradas de 1 a 10. Em seguida pediu a cada um que observassem as imagens e que selecionassem as três que, de acordo com o seu entendimento, mais representassem o meio ambiente. Num segundo momento, a pesquisadora pediu a eles que selecionassem outras três, desta vez aquelas que menos representassem o meio ambiente. Depois da escolha das imagens que mais se aproximavam do significado de meio ambiente, avaliamos as percepções dos entrevistado considerando que cada um percebe e reage de forma diferente. Desta forma, as manifestações obtidas são, portanto, resultado das percepções e expectativas de cada entrevistado (FAGGIONATO, 2010).

Entender a percepção ambiental desses moradores foi de fundamental importância para a compreensão das inter-relações entre o homem e o ambiente e para a busca de novas pistas para uma educação transformadora. Como pontua Freire (1988) é possível que os sujeitos passem a se implicar nesse olhar e a se conscientizarem de que “todos estão inseridos na problemática ambiental”, o ambiente é o seu entorno. Neste exercício metodológico recorreremos às categorias de análise estabelecidas por Tamoio (2002 *apud* Santos, 2007) e adaptadas para essa pesquisa para a interpretação das imagens.

CATEGORIAS DE ANÁLISE:

Romântica/naturalista: Uma visão harmônica da natureza, o belo, o equilibrado, o intocável. Aqueles ambientes que se formaram sem intervenção humana.

Utilitarista: é a ideia do homem como um fator e não um elemento do ambiente.

A falta de inserção do indivíduo no meio ambiente, é que contribui para a falta de consciência ambiental das pessoas.

Socioambiental: onde há inserção do homem no meio ambiente natural, já é possível se inserir como parte do meio ambiente, as edificações construídas pelo homem são um exemplo dessa categoria. É nesse sentido de o sujeito pertencer ao ambiente é que pode levar a mudança de valores, hábitos e práticas voltadas ao cuidado com o meio ambiente.

Conteúdo das imagens e análise prévia das mesmas:

Imagem 1 – Flor no parque Mangal das Garças em Belém – PA. Natural/Romântico.

Imagem 2 – Estação das Docas, antigo porto que foi transformado em um complexo gastronômico. Socioambiental.

Imagem 3 - Vitória Régia, planta aquática da Amazônia, fotografia registrada no borboletário do Mangal das Garças em Belém-PA. Natural/Romântico.

Imagem 4 – Fotografia da igreja da Vila Comboni em Lages – SC. Socioambiental.

Imagem 5 – Guarás no lago, conhecido também como guará-pitanga, parque Mangal das Garças- Belém-PA. Natural/Romântico.

Imagem 6 - Escadaria do Museu das Artes de Belém-PA. Socioambiental.

Imagem 7 – Arara Azul, no Mangal das Garças em Belém-PA. Natural/Romântica.

Imagem 8 – Urna funeral das antigas tribos, Marajoara e Tapajós, transformadas em orelhão. Socioambiental.

Imagem 9 – Mercado “Ver-o-Peso de Belém PA”, onde são comercializados diversos produtos regionais como frutas, verduras, legumes, farinhas. Utilitarista.

Imagem 10 – Marrecos no lago do Mangal das Garças em Belém-PA. Natural romântica.

Para a análise, considerando que apenas três imagens foram as mais votadas pelos entrevistados, optou-se por dar ênfase a estas representações sobre o meio ambiente.

A maioria dos entrevistados selecionou a imagem de número 5. Aquela que retrata os Guarás no lago do parque Mangal das Garças em Belém-PA. De acordo com as categorias pré-estabelecidas para a análise das percepções é possível observar a visão romântica da natureza, na qual o belo e o intocável representam o meio ambiente.



Foto:
Andréia
Teles.

Imagem 1 - Guarás no lago, guará-pitanga-Belém-PA

Este exercício reflexivo permitiu-nos analisar que as imagens mais votadas mostravam um ambiente natural separado do homem e de suas ações, uma natureza intocada, bela, romântica, harmônica, equilibrada. Por outro lado, quando questionados sobre as imagens que menos representavam o meio ambiente, todos os entrevistados escolheram a imagem, cujo conteúdo faz referência à escadaria do Museu das Artes de Belém PA, pois não percebem a mão do homem na construção desse meio ambiente.



Foto:
Andréia
Teles.

Imagem 4 - Escadaria do Museu das Artes de Belém-PA

Essa cisão entre homem-natureza desafia a educação ambiental e a construção de uma consciência ecológica. A separação homem-meio ambiente impede a reforma do pensamento, bem no sentido do que hoje problematiza Edgar Morin (1997). Afinal, como a educação ambiental pode contribuir para “reformular” a relação homem-natureza? Como romper com a visão romântica e naturalista sobre o meio-ambiente?

Romper com o paradigma predominante na sociedade contemporânea que perpetua a

ideia da compartimentalização (BOFF, 1999; GRUN, 1996; MORIN, 2000, 2001), e superar a dicotomia presente na percepção dos moradores é educar o pensamento para “ligar o que está separado” (MORIN, 1995, p. 167). Refletir criticamente sobre o problema da fragmentação é possibilitar a construção de um “pensamento complexo”, aquele que busca juntar o que por tanto tempo andou desconjuntado.

Neste sentido, entende-se que o projeto sócio educativo desenvolvido no bairro tem sido importante como um processo permanente de aprendizagem cidadã por reforçar práticas de cuidado e de responsabilidade para com o meio ambiente.

A estratégia metodológica utilizada para tornar "visíveis" pensamentos e sentimentos sobre o meio ambiente foi eficaz na descoberta e tradução de um SABER ROMÂNTICO/NATURALISTA sobre a relação ser humano-natureza.

TRADUZINDO ENTENDIMENTOS

Investigar o saber ambiental dos moradores da Vila Comboni buscando vislumbrar as possibilidades de desenvolvimento de uma consciência ecológica para o cuidado do ambiente nos levou a problematizar o nosso próprio “saber ambiental”.

Considerando que a realidade não é única mas diversa pois “existem tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações, O sujeito é reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento (GIL, 1999; TRIVIÑOS, 1992). Desta forma, creditamos aos participantes do projeto Parceiros Ambientais, com quem aprendemos a problematizar nossos próprios limites no trato ao meio ambiente, os eventuais méritos do presente trabalho.

O saber ambiental destes moradores despontou de uma relação Romântica/naturalista sobre o meio ambiente. Nesta visão impera a harmonia, a beleza, o equilíbrio, o intocável. Diz respeito àqueles ambientes que se formaram sem intervenção humana.

As imagens escolhidas representam o natural, relacionam-se à fotografia congelada e distante da paisagem “natureza”⁵. Preserva-se aquilo que não se toca, uma imagem pela qual não se responsabiliza. O que se vê à distancia, como um registro durável, bonito, mas sem movimento.

Apartado do meio ambiente, o homem se distanciou tanto da natureza que o desenvolvimento de uma consciência ecológica ficou também comprometido. Esta separação é resultado de um longo processo que conforme Morin tem sido durável, pois os próprios

⁵ Para Morin (1988), “...A natureza não é desordem, passividade, meio amorfo: é uma totalidade complexa”; e “...o homem não é uma entidade isolada em relação a essa totalidade complexa: é um sistema aberto, com relação de autonomia/ dependência organizadora no seio de um ecossistema”.

“conceitos de que nos servimos para conceber a nossa sociedade – toda a sociedade – estão mutilados e conduzem a ações inevitavelmente mutiladoras” (1997, p. 14).

Pela Educação Ambiental buscamos compreender as inter-relações entre sociedade/natureza e intervir sobre os problemas e conflitos ambientais (CARVALHO, 2004). Empenhamo-nos na reconstrução de percepções, conceitos e na tentativa de encampar novas discussões capazes de reintegrar o humano a esse meio, pois não há como existir fora dele.

A crise ambiental tem implicações profundas e desafia a *reforma do pensamento* (MORIN, 2002; MORIN *et al*, 2003) como um exercício de complexidade no qual buscamos juntar o que por um longo tempo foi desconjuntado; mente e corpo, natureza e espírito, razão e emoção. Ou seja, buscamos hoje compreender “as inter-relações, multidimensionalidades, dinâmicas que respeitem e assimilem a unidade e a diversidade, baseadas em princípios éticos e no reconhecimento das diferenças” (MORIN *apud* JACOBI, 2005, p. 242).

Assim, o saber ambiental dos moradores da Vila Comboni não nos causa estranheza. É o saber ambiental de todos nós que vivemos impregnados por um paradigma societário cartesiano que fragmentou a realidade e a nós mesmos, por meio da hiperespecialização do conhecimento. Portanto, vivemos uma crise paradigmática da forma de pensar e agir, de pressupostos epistemológicos que reduziram o pensamento e as possibilidades de compreensão do mundo com reflexos duradouros nas práticas individuais e nas condutas sociais.

O processo dessa pesquisa foi nos mostrando a importância das intervenções e práticas educativas favoráveis ao fortalecimento de atitudes, valores e ações voltadas ao cuidado do meio ambiente.

Os resultados obtidos na análise das imagens utilizadas para captar a percepção dos moradores evidenciam o distanciamento do homem da natureza permitindo reflexões fundamentais para a busca de possíveis soluções.

Diante desses apontamentos, a busca de pistas para a resolução dos problemas ambientais pode ter na Educação Ambiental um grande aliado; educar para a cidadania (JACOBI, 2003) se torna a estratégia para a consolidação de sujeitos cidadãos. A educação ambiental surge então como ação conscientizadora, possibilidade de transformação da mentalidade conservacionista, para a formação do cidadão comprometido com (ANTUNIASSI, 1988) “a defesa do meio ambiente e dos recursos naturais e na gestão desses recursos”.

Analisando os dados levantados para esta pesquisa, pode-se afirmar que o saber ambiental desses moradores se aprimora a partir do projeto Parceiros Ambientais.

Problematizações e reflexões deram novos rumos às práticas, saberes foram sendo incorporados como a separação dos materiais recicláveis e reutilização do óleo de cozinha. A comunidade se mostrou participativa e sinalizou seu interesse na continuidade do projeto desenvolvido no bairro o que nos permite pensar na construção da consciência ecológica. Alertados pelo projeto, passaram a refletir sobre suas práticas diárias e as implicações dessas práticas sobre o meio ambiente.

Compreendendo que o ser humano é produto e produtor de sua história, e que o futuro também está nas mãos das pessoas do referido bairro, vale retomar ainda as condições sócio-culturais da cidade de Lages SC. Uma cidade que viveu por longo tempo na dependência da exploração da madeira, pode ter por suas manifestações (discursivas ou práticas) cristalizadas numa forma ainda mais utilitarista do modo de ver a natureza. Assim, o paradigma cartesiano segue cumprindo seu papel “subterrâneo” ao atuar como um estatuto de verdade (MORIN, 2002). Significa dizer, pelas palavras desse autor, que seguimos orientados por um princípio de exclusão; excluimos não apenas ideias divergentes, mas também os problemas que não reconhecemos. Entretanto, um paradigma não funciona de forma soberana, ditando as ações e os discursos, há possibilidade de mudança mas “é preciso que apareçam frestas, fissuras” (MORIN, 2002, p. 268) capazes de incitar novas possibilidades de ações e práticas.

Um dos grandes desafios encontrados para a construção da consciência ecológica é observado na análise das imagens utilizadas na pesquisa, quando se evidencia a falta de inserção do homem no meio ambiente. Felizmente, um projeto pedagógico segue problematizando práticas e fazendo pensar ações mais humanizadas sobre o ambiente, como uma aprendizagem cidadã cuja experimentação mostrou que democracia é invenção coletiva, fruto de conversações sistemáticas com a comunidade e da auto-organização social.

(...) a democracia é uma obra de arte, um sistema de convivência artificial gerado conscientemente, que só pode existir através das ações propositivas que lhe dão origem como uma co-inspiração em uma comunidade humana(...). A democracia não é um produto da razão humana, a democracia é uma obra de arte, é um produto de nosso emocionar, uma maneira de viver de acordo com o desejo de uma coexistência dignificada na estética do respeito mútuo (MATURANA, 1997, p. 62).

Para seguir esculpindo esta “obra de arte” é preciso investir em processos contínuos de aprendizagem. As grandes transformações sociais não acontecem em resposta à racionalidade normativa que prioriza leis, mas sim à “sensibilização/conscientização e vontade política para a mudança, o que significa dizer a aglutinação de esforços, sonhos e esperanças em torno de um projeto de interesse comum, que vise a dignidade e qualidade de vida da população” (VARGAS, 2005). Portanto, para ser cidadão não basta exigir o cumprimento de direitos e

deveres já estabelecidos, mas é preciso estar envolvido em processos de conquistas de novos direitos. Educar o cidadão é identificar padrões culturais, estilos de vida na população para contribuir no desenho de práticas mais eficazes para a construção de cidadania.

O saber ambiental dos moradores da Vila Comboni, composto por conhecimentos práticos e tradicionais, é como o nosso saber “Romântico e naturalista” conforme registrado pela imagem congelada; distante da ação do homem. Entretanto, a natureza não é morta ou inerte, é viva e vive pela ação dos homens que aceitam o desafio de conviver com ela. Portanto, convém refletir sobre a importância da educação ambiental como processo de formação dinâmico, permanente e participativo na formação de consciências transformadoras. Foi pela reflexividade desenvolvida ao longo dessa construção que pudemos conhecer o nosso próprio saber ambiental ancorado num conhecimento fragmentado incapaz se integrar a relação homem-natureza.

REFERÊNCIAS

ALVES, Josiane Vieira; SILVEIRA, Larissa Souza da. O Uso da Fotografia na Educação Ambiental: Tecendo Considerações. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.3, n.2, p.125-146, 2008. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/pea/v3n2/07.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2010.

ANTUNIASSI, M.H.R. Educação Ambiental e planejamento microrregional: ponto de vista e propósito de trabalho. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.5, n.40, p.448-451, 1988.

BARDIN, Laurence; PINHEIRO, Augusto. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto. Lisboa: Edições 70, 1979.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. Ética do Humano, Compaixão pela Terra. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

CAPRA, Fritjof. Falando a linguagem da natureza: Princípios da sustentabilidade. In STONE, M.K.; BARLOW, Z. (Orgs.). **Alfabetização Ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006. p.46-57.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação, natureza e cultura: ou sobre o destino das latas. In: ZAKRZEWSKI, Sonia Balvedi Zakrzevski.; BARCELOS, Valdo (Orgs). **Educação e compromisso social**: pensamentos e ações. Erechim, RS: EdiFAPES, 2004.

FAGGIONATO, Sandra. **Percepção ambiental**. Disponível em: <http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html>. Acesso em: 10 jun. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRUN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária**. Editora Papirus.1996.

JACOBI, P.R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.2, p. 233-250, maio/ago. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a07v31n2.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2011.

JACOBI, Pedro. Educar para a Sustentabilidade: complexidade, reflexividade, desafios. **Revista Educação e Pesquisa**, v.31, maio/ago. 2005. FEUSP. Disponível em: <www.ufmt.br/gpea/pub/jacobi_art.rev.fe-2005.abril%202005.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2011.

JACOBI, Pedro. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n.118, p.189-205, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

LEFF, Enrique. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez/Edifurb, 2003.

LEFF, Enrique. **Ecologia, Capital e Cultura: a territorialização da racionalidade ambiental**. (Coleção Educação Ambiental). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LEFF, Enrique. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável. In: REIGOTA, Marcos (Org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008. p.97-111.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LEFF, Enrique; VALENZUELA, Sandra de (Trad.). **Epistemologia Ambiental**. Revisão Técnica de Paulo Freire Vieira. 4. ed. Revista. São Paulo: Cortez, 2007.

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza**. Tradução Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MATURANA, H. **Emociones y lenguaje em educación y política**. Domes Ediciones, Santiago de Chile. 1997.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista de Educação da PUCRS**, v.37, n.3, p.32, 1997.

MORIN, Edgar. **Saberes Globais e Saberes Locais**. Brasília: CDS/Universidade de Brasília, 2000.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra Pátria**. Porto Alegre – Sulina. 1995.

MORIN, E. **O método 4. As idéias**. 3. Ed. Porto Alegre. Sulina. 2002.

MORIN, Edgar. **O Método 6 – ÉTICA**. Tradução Juremir Machado da Silva. 3ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **O Método II. A vida da VIDA**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 3. ed. Portugal: Publicações Europa América, 1999.

MORIN, Edgar. **O Método I. A Natureza da Natureza**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 3. ed. Portugal: Publicações Europa América, 1997.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: A natureza humana**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 4. ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1988.

MORIN, E.; LE MOIGNE, J.L. **A inteligência da Complexidade**. Tradução Nurimar Maria Falci. São Paulo: Petrópolis, 2000.

OLIVEIRA, L. A percepção da qualidade ambiental. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.12, n.18, p. 40-49, 2002.

SANTOS, R. V. B. S. **Natureza: conceito em construção**. Monografia de Conclusão de Graduação. UERJ/FFP. 41p. 2007.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1992.

VARGAS, L. A. Educação Ambiental: a base para uma ação político/transformadora na sociedade. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambiental**, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, v.15, p. 72-29, jul/dez. 2005.